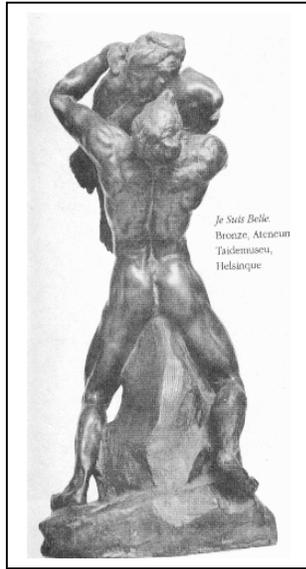


Meditação sobre os Lajedos

Ermelinda Ferreira



“Lajedos

Limpos, inorgânicos mundos,
que não apodrecem nem fedem,
após brevíssimo esplendor,
como os seres salvos do Éden.

corpos de gesso, de granito,
que não se deslocam nem gritam,

como gostarias de ter
esse mentiroso repouso
de seus átomos, e de ser

lápide, lousa sobre a cova
onde a podridão se renova.”

Alberto da Cunha Melo

Na base da pequena escultura de Rodin intitulada *Je suis belle* encontra-se, escrito à mão na superfície de bronze, em letras irregulares e quase imperceptíveis, o seguinte trecho do poema de Baudelaire "La Beauté":

Je suis belle, ô mortels! comme un rêve de pierre,
Et mon sein où chacun s'est meurtri tour à tour,
Est fait pour inspirer au poète un amour
Éternel et muet ainsi que la matière.

A escultura representa um homem musculoso que ergue para o alto, com seus poderosos braços, o corpo frágil e encolhido de uma mulher. Nua, com os joelhos apertados de encontro ao peito, toda ela apóia-se no tórax do homem, numa posição quase impossível. Curvado para trás num esforço supremo, o homem consegue elevar a pequena figura feminina, que mais parece um bloco de pedra, acima da sua própria cabeça. Com a coluna inclinada e o braço erguido com entusiasmo, o homem, num relance, já não é apenas um homem: é um gesto de vitória.

Rodin ergue à matéria um elogio em forma humana. A força do espírito criador, representada no corpo-coluna, ergue o bloco de pedra para o alto, e ele já parece suave, frágil e flexível, mas resistente e elástico como um corpo feminino. Pode-se ler essa escultura em muitos sentidos: como uma reflexão sobre a experiência de elevação e de transcendência presente na criação humana em geral; como uma auto-reflexão sobre a arte de esculpir, em particular - que implica em dominar, moldar, tornar visível na pedra bruta e informe a ação humana e seu significado; ou ainda como uma ampla analogia à Criação. Na primeira, a matéria pode ser som, cor, palavra. Na segunda é barro, pedra, bronze, mármore. Na terceira, é água, fogo, ar, terra.

"Je suis belle" - é o título nem um pouco modesto da obra. Belos são os corpos representados, bela é a escultura como um todo, bela é a matéria de que é feita. Bela e mutável é toda a matéria de que são feitas todas as formas que o tempo desfaz. A sua eternidade advém desse movimento: ela é movimento. Se hoje os modelos vivos de Rodin já não existem como formas, amanhã será a própria escultura que desaparecerá, revelando-se em sua realidade de sonho: "un rêve de pierre". Pois, por mais intensas que sejam as forças estruturadoras da matéria, como a densidade, a resistência e a coesão, nenhuma é capaz de vencer para sempre o poder desagregador do tempo. Tudo o que é está condenado a não-ser, e em tudo o que ainda não é parece esconder-se uma possibilidade, uma suspeita, um impulso, um desejo, talvez, de forma.

No poema, o ser da escultura - que nos faz pensar também no ser vivo, igualmente lapidado num corpo onde experimenta a alegria e a dor - denuncia a sua finalidade: inspirar no poeta um amor eterno e mudo como a matéria. Esse poeta pode ser o que assim se reconhece, aquele que busca inspiração na natureza para realizar a obra de arte; ou o aspirante à poesia, que observa a obra de arte para compreender a sua natureza.

Mas também pode ser aquele que nenhuma relação tem com a arte exceto a de ser, ele mesmo, de uma certa maneira, a própria obra: o poeta banal, o homem comum, o bicho instintivo, cuja realização "limita-se" ao ato de existir e de testemunhar na própria carne o drama silencioso, lento e cruel da natureza da qual faz parte. Nesse caso, é a matéria que parece se comprazer em experimentar a resistência do ser nela aprisionado, testando-o em sua força de vontade nos momentos mais simples, porém mais extremos, do estranho processo da vida - o nascimento, a procriação, a doença, a morte. Através da matéria, a vida

parece sondar a capacidade do ser de amar e de suportar a consciência de sua própria finitude.

Pode-se dizer que, ao contrário de Rodin, o poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo ergue ao humano um elogio em forma de matéria, no seu livro *Meditação sob os Lajedos* (Natal, Editora da UFRN, 2002). Sua poesia, como a “lasca de lajedo/que da eternidade tem medo”, oscila entre a consciência de sua grandeza e a certeza de sua finitude. Do estúdio de *Rodin*, onde medita sobre o trabalho do poeta, que dá “peso ao leve e leveza ao pesado/abstração ao concreto e concretude ao abstrato/...como uma lágrima/na pedra dura da palavra”, ele passa ao raciocínio frio de *Ars, artis, arte*, onde condena esse mesmo “abstratizar a matéria/ou materializar o abstrato” como a “forma de, toda vaidosa,/a arte posar para um retrato”. Sabe, e o diz repetidas vezes, que essa vaidade “vai findar/estátua submersa no mar”, e que por isso é preciso, como no *Fragmento de uma poética*, “Não desejar este cristal/de geométrica beleza,/lágrima congelada, sol/viúvo da sombra”; e não suplicar, em suas preces, “pelos lírios de luz e vidro/que não cheiram nem apodrecem”.

Assim, sob a brancura ofuscante e a dureza dos lajedos (lápides? lousas? títulos?), a poesia de Alberto mergulha no terreno pantanoso dos monturos, no lixo dos quintais sem muros, nas nódoas do calçamento, no cinza dos mocambos, dos gatos esmagados no cimento, dos pardais, dos meninos nos sinais, ou nessa rua, brincando com a lama crua; nas odes ao cinza (porque “a cor da vida é a do ferro/sujo de sangue, se não erro”).

Mergulha também na promiscuidade doméstica, nos corpos-nomes de mulheres, Míriam, Melissa, Marina, Marta, Luzia, Ana Vaz, top models e colegiais, mulheres comuns, egípcias, megeras também, anáforas, moscas, cadelas e formigas; vida pequena, enfim, sobre a qual medita, na sua tarefa de arauto da desdita (“Deus, essas trêmulas ovelhas/são as ovelhas mais amadas,/são as folhas mais indefesas/nas poças sujas das calçadas”).

A aldeia para onde “embarca” e de onde “retorna” tem muitos nomes: *Cidade. Província. Capital. Tocaias do Mal. Brasil. Livro de História. Nova República. NE. Natureza. Hotel América. Feira de Jaboatão. Parque 13 de Maio. Campo-Santo. Hospital Público. Olinda. Bar do Pepa*; que desaguam, todos, *Neste incerto lugar - a Casa Vazia*, única certeza (“Poema nenhum, nunca mais/será um acontecimento:/escrevemos cada vez

mais/para um mundo cada vez menos,/para esse público dos ermos,/composto apenas de nós mesmos”).

Contudo, não se enganem os leitores ao pensar que, por partilhar a natureza “dessas terras que, ardendo tanto,/fervem na face nosso pranto”, terras cujo “deus sem sorte, palestino,/e sem teto, desde menino”, costuma faltar onde o dinheiro sempre falta, “para que gritemos por ele/sob o zinco do céu, sob o ar”; a poesia deste livro seja, como quer se fazer crer, “lança pensada para sarjar os tumores da esperança”.

Não. A mim me parece tratar-se de um longo poema de amor rastejando sob a terra, mortalha molhada à Augusto dos Anjos, mas só na aparência, porque a terra, para Alberto, está mais para o severino natal de João Cabral, e com mais propriedade do que o dele, “que fez da língua materna a casa/que faria, como engenheiro;/porque sempre morava longe/de seu deserto, de seu mangue,/sem notar que, à biografia,/a que dedicava seu asco/devia toda essa poesia”. A terra, para Alberto, é “onde a podridão se renova”, é “onde as raízes envelhecem mais felizes”, é onde vão descer as carcaças cheias de fé, para que delas nasça, enfim, a luz:

Fiat

O amor, o amor nunca é demais:
se sobra, é no tempo perdido
que ele brotará no deserto
qual semente do Paraíso;

pólen no ar, mora no vento
e entre as dobras do pensamento,

feito a maldade, ele não dorme,
quando a neblina esfria a noite
e o temor de Deus nos encobre;

ele tem a força da luz:
fecha a ferida e seca o pus.

Ermelinda Ferreira é doutora em Letras pela PUC-Rio e ensina literatura na UFPE.